A dirt path leads through a dense forest. Sunlight filters through the tall trees, creating a hazy, golden atmosphere. The path is flanked by lush green foliage and bushes. The overall scene is peaceful and natural.

**O quadro natural de
Portugal:
A cobertura vegetal**

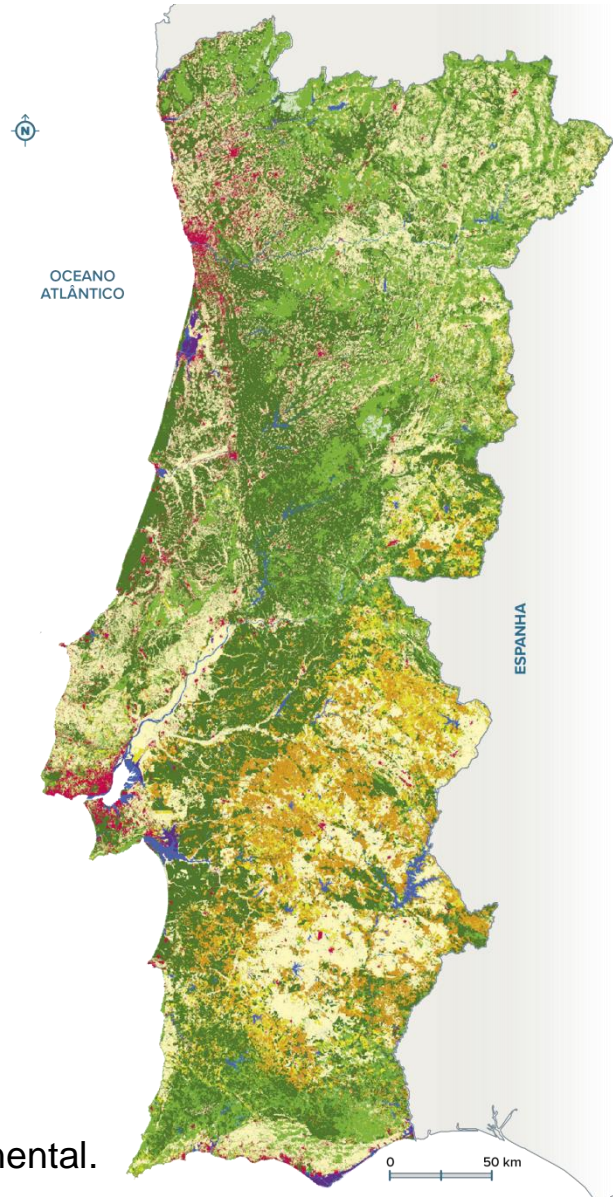
O MANTO VEGETAL

" A característica fundamental da vegetação portuguesa procede do entrecruzar de influências climáticas no território e reflete-se na mistura de plantas comuns à Europa ocidental e média e ao mundo mediterrâneo (...)"

" À ação dominante dos ventos do Oeste, que atenuam o calor e secura estivais e mantêm chuvas abundantes, se deve que, através do Cantábrico, algumas espécies vegetais da Europa média alcancem o território português (...). Estão neste caso muitas árvores de folha caduca (...)"

" O clima mediterrâneo, com Verão em toda a parte bem marcado, faz-se sentir na vegetação (...). Contam-se as plantas carnudas (...) piteiras e figueiras da Índia; as folhas cobertas de pelos (carvalho negral) (...), reduzidas (algumas urzes e rosmaninhos), transformadas em espinhos (tojos), duras (medronheiro, loureiro; as plantas perfumadas (alecrim , rosmaninho, tomilhos)que, na Primavera, derramam o cheiro inconfundível das charnecas mediterrâneas (...)"

- Florestas (39%)
- Agricultura (26%)
- Matos (12%)
- Superfícies agroflorestais (8%)
- Pastagens (7%)
- Territórios artificializados (5%)
- Outros (3%)



Com uma extensão superior a três milhões de hectares, a floresta é o principal uso do solo em Portugal e ocupa mais de um terço do país.

Dados a reter do 6.º Inventário Florestal Nacional (IFN6 2015) e da Carta de Uso e Ocupação do Solo de Portugal Continental de 2018 (COS2018), os dois levantamentos geográficos que fornecem dados sobre a floresta portuguesa, sua representatividade e evolução.

Uso do solo em Portugal continental.
Fonte: DGT - COS 2018.

A **floresta** tem para o nosso país uma importância incalculável. Além do seu valor ambiental, na regularização do ciclo hidrológico, proteção microclimática, sucção de carbono, fixação dos solos, preservação da **biodiversidade** e diversificação da paisagem, contribui ainda para a atividade turística e de lazer.

A floresta tem uma grande importância económica e social, sendo um dos principais pilares das **exportações** portuguesas e um setor importante em termos de empregabilidade, principalmente em áreas rurais.

A produção de bens como a resina, o mel ou os frutos, mas principalmente os produtos das indústrias de base florestal (madeira, cortiça, pasta de papel) têm contribuído para o **PIB nacional**.

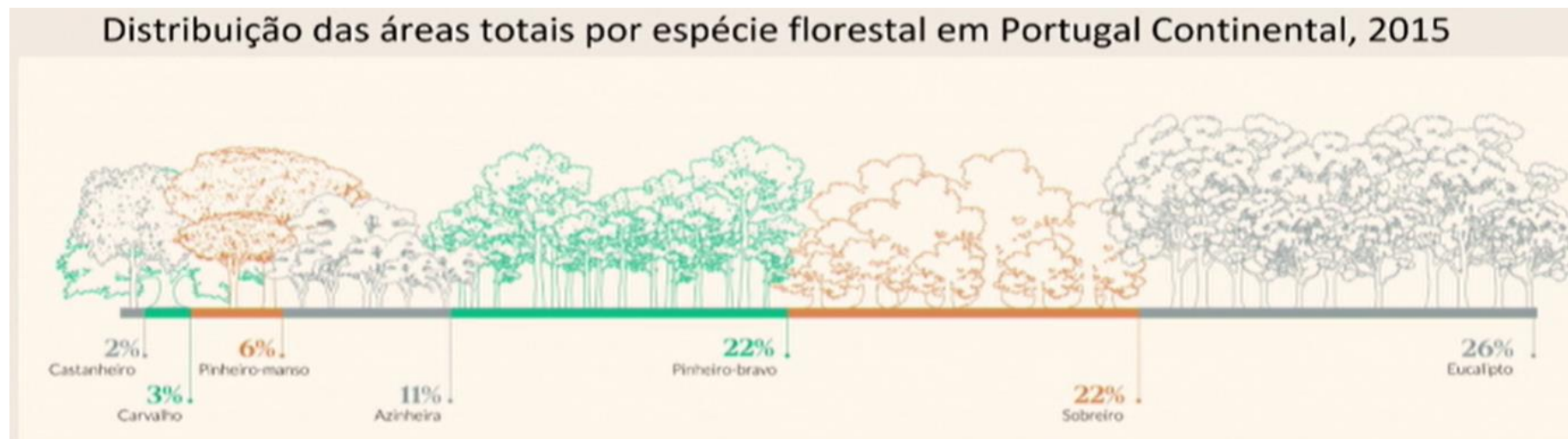
Exportações florestais
2018



AS ESPÉCIES MAIS COMUNS DA FLORESTA PORTUGUESA

Sem um predomínio absoluto de uma espécie, Portugal tem uma variedade de espécies florestais superior a outros países europeus.

As espécies dominantes em Portugal são o eucalipto, que ocupa atualmente maior área devido à sua expansão nos últimos anos, o sobreiro, com um ligeiro decréscimo desde 1995 e o pinheiro-bravo, em regressão devido a pragas, incêndios e opção dos proprietários por espécies de crescimento rápido e de maior rentabilidade. A propriedade é maioritariamente privada, condicionando as opções das espécies a produzir, mais dependentes da dinâmica do mercado do que do valor ecológico das mesmas. Em conjunto o Eucalipto, o sobreiro e o pinheiro bravo acupam 71% da área florestal de Portugal continental.



AS ESPÉCIES MAIS COMUNS DA FLORESTA PORTUGUESA

A espécie mais emblemática é o sobreiro que oferece um produto de eleição, a cortiça, e uma paisagem deslumbrante pela simplicidade.

Em conjunto com a azinheira, forma o famoso **montado** de sobro e azinho, habitat de resistência, de proteção e de dinamização de atividades complementares como a **pecuária extensiva**, que ocupa 1/3 da floresta portuguesa.



Panorâmica de montado, em Castro Verde.

Quercus rotundifolia

Azinheira

A azinheira distribui-se por uma vasta área, apenas evitando as regiões litorais com clima húmido. Ocorre sob a forma quer de pequeno arbusto, em afloramentos rochosos, quer de grande árvore em formações boscosas (até 20 m) ou, mais vulgarmente, em montados abertos.



Quercus suber

Sobreiro

Carvalho de características singulares (é a única árvore que recompõe a casca depois desta ser extraída), tem no nosso país o seu solar. Pode atingir 20 m de altura e, pelo seu valor económico e ecológico, foi instituída "Árvore Nacional de Portugal".



REGIÃO NORTE

Ocupação do solo (mil hectares) Região do Norte

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Floresta	584,9	2,3%
Matos e pastagens	770,9	-1,3%
Improdutivos	78,9	-2,7%
Águas interiores	22,4	14,3%
Agrícola	523,3	-2,6%
Urbano	148,1	8,1%

Cinco grupos de árvores mais representativos (mil hectares) Região do Norte

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Pinheiro-bravo	179,9	-8,3%
Eucaliptos	164,1	5,5%
Carvalhos	56,1	23,8%
Castanheiro	43,6	29,0%
Outras folhosas	87,8	20,3%

Com 180 mil hectares em 2015, o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) mantém-se como a espécie com maior representatividade. Seguem-se os eucaliptos (*Eucalyptus* spp.), com 164,1 mil hectares. A ampla presença destas espécies revela o potencial da região para a atividade madeireira e sua transformação.

REGIÃO CENTRO

Ocupação do solo (mil hectares) Região do Centro

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Floresta	1 093,1	0,9%
Matos e pastagens	838,9	-0,7%
Improdutivos	84,0	-1,2%
Águas interiores	41,9	6,3%
Agrícola	601,1	-3,9%
Urbano	160,9	13,5%

Cinco grupos de árvores mais representativos (mil hectares) Região do Centro

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Pinheiro-bravo	460,0	-11,8%
Eucaliptos	439,7	17,3%
Sobreiro	41,6	17,2%
Carvalhos	21,5	-22,7%
Outras folhosas	70,2	26,0%

Fonte: IFN6 – Inventário Florestal Nacional, ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2019 (dados reportam a 2015)

Com 460 mil hectares em 2015, o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) mantém-se como a espécie com maior representatividade, embora a sua área se tenha reduzido em quase 12% desde 2005. Inversamente, os eucaliptos aumentaram a sua presença no mesmo período, totalizando 40,2% na floresta do Centro.

O sobreiro (*Quercus suber*) é uma espécie a registar grande crescimento: passou dos 33,8 mil hectares em 1995 para os 41,6 mil ha em 2015, na região centro.

REGIÃO DE LISBOA

Ocupação do solo (mil hectares) Região de Lisboa

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Floresta	66,3	2,3%
Matos e pastagens	74,7	-1,5%
Improdutivos	5,0	-28,6%
Águas interiores	24,9	1,2%
Agrícola	68,1	-4,2%
Urbano	62,6	7,4%

Cinco grupos de árvores mais representativos (mil hectares) Região de Lisboa

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Sobreiro	18,2	14,5%
Pinheiro-manso	13,7	16,1%
Pinheiro-bravo	13,5	0,0%
Eucaliptos	12,5	-8,8%
Outras folhosas	5,1	-7,3%

Fonte: IFN6 – Inventário Florestal Nacional, ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2019 (dados reportam a 2015)

A floresta da Região Metropolitana de Lisboa conquistou novo espaço desde 2005 (+2,3% de área), mas é, no entanto, a urbanização que ganha em termos de expansão (+7,4%). Estas cresceram à custa das áreas de matos e pastagens e de zonas agrícolas e improdutivas.

Três espécies e um género totalizam quase 80% da área de floresta da Região de Lisboa. O sobreiro (*Quercus suber*) é a mais comum, com mais de 18 mil hectares, o equivalente a 27,5% da floresta. Seguem-se, respetivamente, o pinheiro-manso (*Pinus pinea*), o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e os eucaliptos (*Eucalyptus* spp.).

ALENTEJO

O ALENTEJO TEM A MAIS EXTENSA ÁREA DE FLORESTA EM PORTUGAL CONTINENTAL E ILHAS

Ocupação do solo (mil hectares) Região do Alentejo

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Floresta	1334,6	-1,4%
Matos e pastagens	857,3	8,6%
Improdutivos	18,8	3,9%
Águas interiores	83,4	11,1%
Agrícola	820	-7,3%
Urbano	46,4	16,0%

Cinco grupos de árvores mais representativos (mil hectares) Região do Alentejo

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Sobreiro	609,4	-4,1%
Azinhreira	317,5	3,3%
Eucaliptos	199,6	-6,2%
Pinheiro-manso	131,5	14,1%
Pinheiro-bravo	55,1	-11,6%

Fonte: IFN6 – Inventário Florestal Nacional, ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2019 (dados reportam a 2015)

O Alentejo é uma das zonas menos urbanizadas do país, na qual as áreas florestais, agrícolas e de matos e pastagens perfazem mais de 95% do território.

Na floresta da região do Alentejo merecem referência as espécies folhosas, que ocupam mais de 1,1 mil milhões de hectares. O sobreiro (*Quercus suber*) é, de longe, a mais importante: ocupa mais de 609 mil hectares (45,66% da área florestal). Esta predominância contribui para fazer da região do Alentejo a mais importante em Portugal na produção de cortiça, com uma média de 734 mil toneladas a cada ano.

Ao sobreiro segue-se a azinhreira (*Quercus rotundifolia*), espécie sem expressão a norte do Tejo, mas que cobre aqui mais de 317 mil hectares e tem registado crescimento ligeiro. Os eucaliptos (*Eucalyptus* spp.) são a terceira espécie mais comum. Segue-se o pinheiro-manso (*Pinus pinea*), a espécie que mais crescimento regista na floresta do Alentejo, tornando-a na região que mais contribui para a produção de pinhão em Portugal, com uma média anual de 2,9 milhões de toneladas.

ALGARVE

Ocupação do solo (mil hectares) Região do Algarve

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Floresta	145,3	2,0%
Matos e pastagens	224,4	-0,4%
Improdutivos	4,9	8,9%
Águas interiores	20,2	3,6%
Agrícola	80,4	-6,5%
Urbano	24,5	11,4%

Cinco grupos de árvores mais representativos (mil hectares) Região do Algarve

	2015	Varição 2005 a 2015 (%)
Pinheiro-manso	40,4	0,0%
Sobreiro	35	11,1%
Eucaliptos	29	-0,3%
Alfarrobeira	16	35,6%
Outras folhosas	10,9	-26,8%

Fonte: IFN6 - Inventário Florestal Nacional, ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2019 (dados reportam a 2015)

A sul predomina a floresta de espécies folhosas onde a espécie mais comum é o pinheiro-manso (*Pinus pinea*), que representa perto de 28% da floresta. O pinheiro-manso aumentou muito a sua representatividade entre 1995 e 2005 (de 23,8 mil hectares para 40 mil) e desde então a sua área tem-se mantido relativamente estável.

O sobreiro (*Quercus suber*) é a segunda espécie mais representada (cerca de 24% da área de floresta) e tem visto a sua área aumentar. A alfarrobeira, uma árvore histórica na região, está a reforçar a sua relevância na floresta algarvia. O Algarve é a única região em que esta espécie surge entre as mais comuns da floresta em Portugal continental.

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Criptoméria e incenso em três quartos da floresta açoriana

A floresta cobre um pouco mais de 20% da área das várias ilhas. Incenso (*Pittosporum undulatum*) e criptoméria (*Cryptomeria japonica* D. Don) sobressaem na floresta dos Açores. São espécies exóticas que chegaram da longe – da Oceânia e da Ásia –, mas que encontraram no solo e clima deste arquipélago condições ideais para se multiplicar. A criptoméria é a mais importante espécie da floresta dos Açores em termos socioeconómicos, plantada e colhida pela sua madeira macia e consistente, com grande valor e beleza. As matas de criptoméria estendem-se por cerca de 12,5 mil hectares. o incenso é hoje classificado como espécie invasora, cuja propagação resulta da sua elevada regeneração natural.



Criptoméria, em S. Miguel.

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Floresta Laurissilva predomina na Madeira

A floresta laurissilva é composta por espécies Lauráceas, como o loureiro (*Laurus novocanariensis*), o barbuzano (*Apollonias barbujana*), o til (*Ocotea foetens*) e o vinhático (*Persea indica*), esta floresta relíquia predomina na encosta norte da ilha capital e foi considerada Património Mundial, pela UNESCO, em 1999.



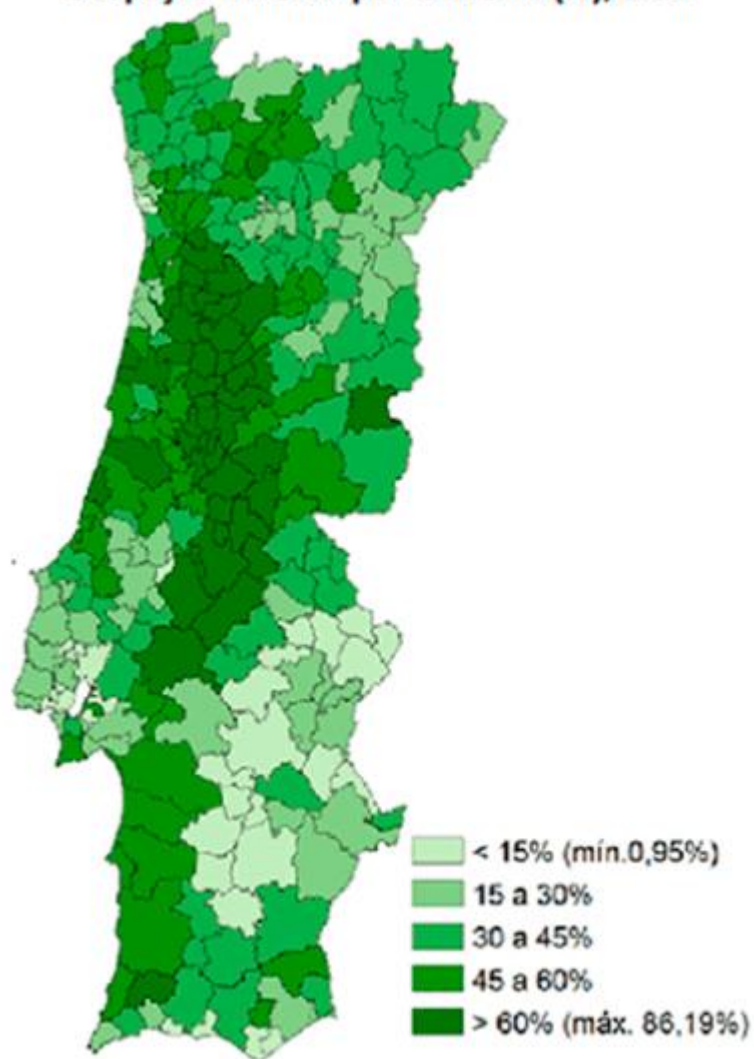
Floresta Laurissilva – Ilha da Madeira.

Em resumo...

1. O Alentejo tem a maior área florestal, que representa mais de 40% da floresta nacional. Segue-se a Região Centro, também com mais de um milhão de hectares (33,7% da floresta nacional). A região Norte vem em terceiro lugar, com 584,9 mil hectares (18% do total).
2. No continente, a espécie com maior presença em cada região é autóctone: a Norte e Centro o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), em Lisboa e Alentejo o sobreiro (*Quercus suber*) e no Algarve o pinheiro-manso (*Pinus pinea*). Na Madeira, são as espécies da floresta Laurissilva -árvores da família das lauráceas, como o til (*Ocotea foetens*), o vinhático (*Persea indica*), o barbusano (*Apollonias barbujana*) e o loureiro (*Laurus novocanariensis*)- as predominantes, enquanto nos Açores dominam espécies exóticas: o invasor incenso (*Pittosporum undulatum*), também conhecido como faia-do-norte e a criptoméria (*Criptomeria japonica*).
3. As espécies mais frequentes da floresta nas regiões portuguesas dão-nos pistas sobre o potencial socioeconómico, em termos de atividades, emprego e produtos. No Norte e Centro encontramos maior potencial para explorar madeira, mobiliário e pasta e papel, mas também para alguns produtos florestais não lenhosos como é o caso da castanha a Norte, por exemplo. Nas regiões de Lisboa, Alentejo e Algarve, a maior vocação está nas atividades relacionadas com a cortiça e os sistemas agroflorestais (o azeite por exemplo), assim como para alguns frutos da floresta, como o pinhão.
4. A região Centro é a que mais contribui para o carbono armazenado nas florestas de Portugal continental, seguindo-se o Alentejo e o Norte. Isto significa que nem sempre a maior área florestal ou a espécie que predomina em cada uma das regiões portuguesas é a que mais contribui para este *stock*.
5. A floresta ampliou a sua área em todas as regiões continentais, exceto no Alentejo, entre 2005 e 2015, reforçando-se como a principal ocupação do solo a nível nacional. Ainda assim, as áreas de matos e pastagens são mais extensas do que as florestas em três das sete regiões – Norte, Lisboa e Algarve. Embora estas áreas de matos e pastagens sejam menos relevantes para a atividade produtiva, têm, como a floresta, potencial interesse para a conservação da natureza e a preservação dos serviços do ecossistema.
6. Na região de Lisboa, a floresta é diminuta – se comparada com as demais regiões continentais -, mas ainda assim representa uma área mais extensa (22%) do que as zonas urbanizadas (20,8%). É da floresta desta região que vem o segundo maior contributo anual para a produção de pinhas (pinheiro-manso) e o terceiro para a de cortiça, a nível nacional.

<https://florestas.pt/conhecer/retrato-regional-a-floresta-nas-regioes-portuguesas/>

Ocupação florestal por concelho (%), 2018



Quase metade dos municípios têm mais de 60% de ocupação florestal, destacando-se a região Centro, onde os incêndios têm dizimado vastas extensões, dando origem a manchas florestais desordenadas, predominantemente de eucalipto, seja por repovoamento ou de forma selvagem e espontânea, com elevado **impacte ambiental** e paisagístico. Para além dos incêndios com consequências devastadoras como as que se verificaram nos incêndios de 2017, ceifando vidas humanas, deparamo-nos com um **espaço rural** demograficamente deprimido, propriedades de pequena dimensão, anarquia no cadastro dos terrenos, desequilíbrios na constituição dos povoamentos florestais, circunstâncias climáticas cada vez mais adversas e comportamentos de risco e criminosos.

É imprescindível adotar soluções que visem a **sustentabilidade** destes territórios, tais como:

1. limitação de manchas contínuas da mesma espécie;
2. criação de corredores de segurança e áreas de contenção; dotação das populações de meios de intervenção imediata e formação na sua autoproteção;
3. fiscalização mais eficaz, obrigando ao cumprimento da legislação em vigor;
4. criação de cadeias de reutilização dos resíduos florestais provenientes das limpezas (não intensivas para permitir a infiltração de água);
5. penalizações para comportamentos de risco e criminosos;
6. preservação e criação de incentivos a núcleos de vegetação natural constituídos por espécies florestais folhosas, por exemplo, carvalhos.

<https://ensina.rtp.pt/explicador/floresta-portuguesa/>



"Esqueletos" de pinheiro bravo no Pinhal de Leiria, após o incêndio em outubro de 2017. APROFGEO